



Domésticas – o filme: um estudo de recepção com empregadas domésticas do Distrito Federal¹

Dácia Ibiapina da Silva²

Odinaldo da Costa Silva³

Universidade de Brasília, Brasília, DF

Resumo

Este trabalho apresenta, resumidamente, os resultados de um estudo de recepção com *Domésticas – o filme*⁴, primeiro longa-metragem de Fernando Meirelles, em co-direção com Nando Olival, junto a grupos focais⁵ construídos com empregadas domésticas do Distrito Federal. As personagens principais são empregadas domésticas e foram tomadas como fios condutores do estudo de recepção. Ao analisar, em cine-fóruns⁶, a narrativa e a construção das personagens do filme, as participantes da pesquisa tiveram a oportunidade de lidar com suas identidades e subjetividades, bem como com representações⁷ audiovisuais de sua categoria de trabalho.

Palavras-chaves

Cinema; Domésticas – o filme; empregadas domésticas; estudos de recepção; representações audiovisuais.

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação Audiovisual do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora adjunta da Faculdade de Comunicação da UnB, cineasta, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FAC/UnB, email: dacia@terra.com.br

³ Mestre em Comunicação pela FAC/UnB, professor substituto do Instituto de Artes da UnB, email: odinaldos@yahoo.com.

⁴ Odinaldo da Costa Silva. “*Domésticas – o filme: um estudo de recepção com profissionais do Distrito Federal*”. Dissertação de Mestrado. Brasília, Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2007.

⁵ “(...) são basicamente entrevistas em grupo, cujo foco principal reside na interação do grupo, e não no mero intercâmbio de perguntas e respostas entre o pesquisador e os integrantes do grupo.”(MARQUES, 2006, P.01).

⁶ Entende-se neste trabalho, por cine-fórum, o momento da exibição do filme para as domésticas, seguido de discussões sobre o mesmo.

⁷ Segundo Serge Moscovici: “as representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos”(MOSCOVICI, 2003, p. 46). Neste trabalho, as representações audiovisuais que o filme constrói sobre as domésticas são tomadas como um recorte, dentro de um processo dinâmico.



Corpo do trabalho

Introdução

“A galeria de retratos que coloco no cerne do meu livro
diz respeito a indivíduos
– e não a uma amostra estatisticamente representativa:
ali estão para estimular a reflexão,
e não para sugerir generalizações fáceis.”
(Theodore Zeldin)

Domésticas – o filme, primeiro longa-metragem do cineasta Fernando Meirelles, em co-direção com Nando Olival, tematiza o trabalho doméstico, tendo como protagonistas cinco empregadas domésticas que trabalham em casas de famílias de classe média em São Paulo, no ano de 2001: *Roxane, Raimunda, Quitéria, Créo e Cida*. O filme teve como ponto de partida a peça de teatro *Domésticas*, dirigida por Renata Melo; que por sua vez partiu de uma pesquisa com empregadas domésticas em São Paulo, durante a qual foram feitas mais de cem entrevistas. De volta ao princípio, este artigo apresenta, resumidamente, um estudo de recepção do filme junto a empregadas domésticas do Distrito Federal, que resultou na dissertação de mestrado *Domésticas – o filme: um estudo de recepção com profissionais do Distrito Federal*, de Odinaldo da Costa Silva, um dos autores deste trabalho, sob a orientação de Dácia Ibiapina da Silva, co-autora.

O primeiro momento da pesquisa concentrou-se no filme. Antes de submetê-lo ao estudo de recepção, era indispensável conhecê-lo, contextualizá-lo, analisá-lo, interpretá-lo, construir perguntas em torno dele. Era necessário fazer o filme falar, para poder falar sobre ele, inclusive com as participantes do estudo de recepção. Foi nesta etapa, por exemplo, que descobriu-se que o filme tinha antecedentes: a peça de teatro e as entrevistas com domésticas de São Paulo. O depoimento de Fernando Meirelles, à revista *Cinemais*, trouxe novas revelações:

“A Renata para fazer a peça entrevistou duzentas domésticas durante três anos, tinha um bolo dessa altura mais ou menos de papel, entrevistas transcritas, grampeadinhas, duas páginas, quatro páginas. Pegamos aquele bolo e separamos: aqui as domésticas que falam dos namorados, essas falam da família, essas são tristes, as que se deram mal... enfim, fizemos um mix, acabamos escolhendo um bolinho de textos, e para cada grupo de textos com depoimentos de personalidades parecidas demos o nome de uma doméstica: essa aqui vai se chamar... Eram os textos básicos. A partir disso a gente criou uma tramazinha, para poder usar aquelas falas. Algumas falas eram contínuas, depoimentos, assim, para gravador. A gente transformou em diálogo. (...) Nós tínhamos falas boas e criamos uma história para poder usar aquelas falas. O



filme inteiro foi feito a partir daqueles depoimentos, com pouca interferência nossa. O resultado que conseguimos é diferente da peça” (MEIRELLES, 2003, pp. 133-134).

Conhecer o processo de construção das personagens e do roteiro, assinado por Cecília Homem de Mello, Fernando Meirelles, Nando Olival e Renata Melo, ajudou a entender a construção da narrativa, da estética do filme e dos diálogos.

Descobertas como estas foram feitas por meio de pesquisa bibliográfica. Renata Melo, a quem somos gratos, disponibilizou o roteiro da peça. Junto à O2 Filmes, empresa produtora do filme, a qual também agradecemos, tentou-se conseguir o roteiro do filme, o que não foi possível. Conseguiu-se porém a lista de diálogos, o que nos poupou o trabalho de transcrevê-los. Foram lidos também depoimentos dos diretores e roteiristas, tanto do filme quanto da peça, bem como críticas sobre o filme em sites e revistas especializadas; além de textos acadêmicos com os quais foi construído o referencial teórico-metodológico da pesquisa.⁸

No esforço de analisar o filme, este foi visto e revisto várias vezes. Em cada uma delas eram feitas anotações sobre seus temas e sub-temas, sua estética, sua narrativa, seus diálogos, sua trilha sonora. Descobriu-se, por exemplo, que o filme transita algumas vezes na fronteira entre ficção e documentário; e que as músicas da trilha sonora pertencem majoritariamente ao gênero denominado “brega”, também conhecido, com preconceito, diga-se de passagem, como “música de doméstica”. Nesta fase, foram elaboradas também as hipóteses e questões de pesquisa, bem como as estratégias de abordagem do filme durante os cine-fóruns e de organização dos grupos focais.

Sonhos, família, origem, amores, relações trabalhistas e muitos afazeres. Estes, dentre outros, são temas presentes no filme. Com as temáticas levantadas, foi elaborada uma pauta prévia para auxiliar as discussões nos cine-fóruns. Foram formados três grupos focais, tendo como preocupação, a busca da diversidade: espacial; de renda dos empregadores; de escolaridade, tanto das domésticas, quanto de seus patrões. Um grupo focal foi formado com domésticas que cursam o ensino fundamental em uma escola pública Setor O, em Ceilândia, cidade satélite do Distrito Federal, com oito

⁸ Nos estudos culturais buscou-se a discussão atual dos conceitos de cultura, identidade, subjetividade, bem como formas de abordar as representações sociais e a cultura das minorias. Na História Cultural foram pesquisados e apropriados conceitos como representação social e imaginário. Os Estudos de recepção foram fundamentais para construir a metodologia de trabalho com os grupos focais e cine-fóruns. Nas Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia) aprendemos mais sobre quem são e como vivem as empregadas domésticas. Finalmente, a teoria cinematográfica e a análise fílmica nos ajudou a construir com mais propriedade nossas interpretações sobre o filme, bem como dialogar com as interpretações construídas nos grupos focais.



participantes; um segundo foi montado na cidade satélite de São Sebastião, a partir de uma doméstica com quem Odinaldo da Costa Silva tinha contato (trabalhava na época como diarista em casas de amigos seus), com sete participantes; e o terceiro grupo foi montado com domésticas que trabalham na Colina – área residencial de professores, estudantes e funcionários da Universidade de Brasília, com quatro participantes.

A seguir, apresenta-se um apanhado desta pesquisa: o filme como ponto de partida, o trabalho com os grupos focais, os resultados e os limites e contribuições da pesquisa.

Domésticas – o filme

Domésticas, o título já diz tudo. Trata-se de uma ficção que narra um pouco do cotidiano dessas mulheres que lavam, passam, cozinham, varrem, limpam, cuidam de crianças e fazem tantos outros serviços que podem aparecer na manutenção de um lar.

Roxane, Raimunda, Quitéria, Créo e Cida. Quem são essas mulheres? Como e por que são empregadas domésticas? Como é ser empregada doméstica numa cidade grande como São Paulo no ano de 2001? Qual é a realidade de quem sai de casa para trabalhar o dia inteiro na residência de uma família de classe média e depois volta para sua moradia no subúrbio da cidade grande? Em que ambientes são mostradas essas personagens? Quais são os desejos e as dificuldades cotidianas que as cercam?

Analisar esta película é uma forma de aproximação, não somente com as personagens do filme, mas também com as formas de representação cinematográfica e audiovisual da categoria das empregadas domésticas.

Créo. “Pobre, preta, ignorante” é como ela se auto-representa. Uma palavra que pode definir essa personagem é resignação. Apesar de questionar sua existência, ela está satisfeita com o que Deus reservou para sua vida. Outro traço característico de Créo é a tristeza. Não a vemos feliz, sorrindo ou se divertindo. Aqui podemos recorrer à máxima do autor Paulo Prado (1997, p.53) quando ele diz: “numa terra radiosa vive um povo triste”. Devido à sua resignação e seu apego à religião, Créo é totalmente desprovida de vaidade. Não usa maquiagem, brincos, anéis (ou qualquer outro tipo de adorno) e seu cabelo parece um *black power* que é preso nas horas do trabalho ou quando sai à rua. Vestidos, ela só tem dois, nem muito curtos, nem muito compridos. No enredo do filme, Créo está passando por um momento difícil com sua filha adolescente, Kelly (15 anos).



Quitéria. Jovem. Negra. Ainda imatura e ingênua nas regras e procedimentos dos trabalhos domésticos. A impressão que nos passa é de que Quitéria foi arrancada de sua realidade e lançada num outro mundo, onde tudo é novo, diferente e pode quebrar. Talvez por essa falta de compatibilidade com esse novo mundo, ela sempre tem problemas de adaptação aos empregos. Está sempre de casa em casa à procura de um novo trabalho. Apesar da ingenuidade de Quitéria, percebemos em seus diálogos verdadeiras análises de sua condição de doméstica. “Como é que você consegue ser mandada embora em 3 horas, Quitéria?”, pergunta Zefa. “Mas foi por maldade não, Zefa. Foi só um mau jeito”, responde Quitéria. A jovem doméstica é a mais desastrada das personagens do filme, o que só enfatiza sua ineficiência com os trabalhos de casa. Há sempre um vaso que pode quebrar e um cachorro que pode morrer asfixiado pelo aspirador de pó se Quitéria estiver por perto. Desastrada, essa é a palavra que a define.

Cida. Jovem. Branca. Casada (“mas é como se não fosse”). Seu sonho de ir para o Rio de Janeiro era um conto de fadas. A realidade que ela encontrou na cidade grande foi bem diferente. Nessa personagem podemos identificar outra característica que, geralmente, faz parte da história dessas mulheres, a questão da migração. Na fala citada acima fica evidente que Cida, envolvida por um desejo de melhoria para a sua família, migrou de algum lugar, de forma bem caricata, numa rural *Willis*. Mas ela não está satisfeita e continua querendo que as coisas mudem em sua vida. Nem que para isso ela tenha que mudar de signo ou de atitude. Cida não agüenta mais o marasmo em que seu dia-a-dia se transformou. Por uma sutileza do destino ela conheceu Uílton, depois de ser atropelada por ele. Uílton é motorista da casa onde trabalha Créo. Cida, desde o primeiro encontro, se sente atraída pelo motorista, mas tenta dissimular seus sentimentos por ser uma mulher casada. “Mesmo na amizade, o pessoal comenta”, diz Cida para Uilton, quando ele a convida para ir ao baile. Podemos identificar um fato recorrente no diálogo das domésticas do filme. A preocupação com o que os outros vão dizer ou pensar a respeito delas. Mas, como o amor é um sentimento na maioria das vezes incontrolável, Cida se apaixona por Uilton. E, mesmo casada, começa a se relacionar com o motorista. Para sua sorte, ou azar, Leo (marido de Cida) morre de motivo desconsiderado no filme, não sabemos ao certo de quê. O que nos é sugerido por Cida é que ele era tão parado que o coração também parou e ele morreu. Com a morte de Leo, Cida pôde assumir sua relação com Uilton e aproveitar as benesses de uma nova paixão.



Raimunda. Jovem. Branca. Prefere ser chamada de Rai. Para falar a verdade ela detesta ser chamada de Raimunda. Está sempre à procura de um namorado, mas não tem sorte com os homens. Mesmo já tendo namorado muito, ainda não desistiu, e continua sonhando com o seu príncipe encantado. Ela assume: “eu num tô atrás de homem, Claudinei! Eu quero marido!”.

Roxane. Jovem. Branca. Não gosta do fato de ser doméstica. É inconformada com esta condição. A vaidade é uma característica presente em Roxane. Cabelo frisado, sempre de batom nos lábios e também aparece pintando os cabelos. Talvez essa vaidade seja explicada pela vontade de se tornar modelo. “Eu quero pensar alguma coisa diferente pro meu futuro, viu Zefa? Porque eu não sou doméstica, eu estou doméstica, mas é por pouco tempo”, garante Roxane. “Eu graças a Deus não sofro de ambição”, responde Zefa. “Você é burra, Zefa”, afirma Roxane. Esse diálogo entre Roxane e Zefa mostra o inconformismo da primeira. Ela está sempre procurando uma forma de largar o trabalho de empregada. Estava fazendo um curso de computador, mas deixou. Pretende agora fazer um curso de modelo.

Domésticas – o filme termina com um depoimento que busca o verossímil de uma doméstica que foi demitida de seu emprego por ter ficado grávida. Ela faz um relato com semblante de indignação. O que ainda mostra o descaso das leis trabalhistas para com essa categoria. A empregada doméstica em questão termina sua fala questionando: “isso é vida?”.

Nota-se, também, no filme, a ausência de patroas e patrões. O que não passou despercebido nos cine-fóruns. Esta falta é justificada pelos roteiristas do filme como uma opção com o objetivo de dar maior visibilidade às mulheres que são empregadas domésticas. Em entrevista ao site do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, em 2005, Cecília Homem de Mello, uma das roteiristas explica: “Foi um consenso entre os roteiristas que não seria necessário mostrar patroas e patrões para explicitar o efeito que essa relação tem no cotidiano das domésticas. (...) Não precisamos ver a patroa da Créó – aquela que dorme em uma cama que é quase uma tábua de passar roupa – para intuirmos que se trata de uma relação desigual e opressiva”.

A opinião de Célia – doméstica que participou de um dos grupos focais – é diferente: “O que ficou faltando aí foi só a patroa maltratar a empregada. Só faltou isso. Porque o resto tava tudo completo. Porque ali no filme tinha de ter a patroa e a



empregada, mas só mostrou a empregada. Eu acho que tinha de ter os patrões ali com a empregada”. (SILVA, 2007, pp. 77/78). Talvez, para as entrevistadas do Distrito Federal, esta falta possa significar uma forma de ocultar os conflitos vividos por elas no trabalho diário.

Estudo de recepção com empregadas domésticas do Distrito Federal

Em um primeiro contato feito com as mulheres, para propor o cine-fórum, seria primordial que todas se dispusessem a participar do estudo. Na primeira conversa, foi preenchido por cada participante um questionário elaborado anteriormente inspirado em uma das cenas do filme. A seqüência em questão mostra várias domésticas (personagens principais e secundárias no enredo), contra um fundo de azulejos brancos, respondendo a um interlocutor que não se vê. Ou seja, elas falam olhando para a câmera. Nesse momento do filme, elas dizem o que gostam de comer, usar, cor, signo etc. São perguntas *a priori* irrelevantes, mas que trazem consigo uma carga muito grande de subjetividade. Diante dessas perguntas é possível conhecer um pouco da personalidade das empregadas domésticas entrevistadas para aquela seqüência do filme. O preenchimento do questionário serviu também para aproximar o pesquisador das participantes do grupo focal.

Descreve-se, a seguir, tendo em vista os limites deste trabalho, parte do processo e os resultados obtidos com apenas um dos grupos focais. A descrição, em primeira pessoa, é feita por Odinaldo da Costa Silva, que realizou o trabalho com as domésticas nos grupos focais.

Rumo a São Sebastião

Chegar a Felícia – ou Feliciano, como é mais comumente chamada - não foi difícil. Ela trabalha em casas de amigos. Do grupo, fizeram parte Feliciano; sua tia, Do Carmo; sua irmã, Marcela, recém chegada do Piauí; e as vizinhas de Feliciano: Ruth, Tina, Cida e Ângela. Todas, com exceção da Tia Do Carmo, moram em uma chácara em São Sebastião, cidade satélite do Distrito Federal. Tia do Carmo mora em uma das ruas dessa cidade.

Feliciano, 29 anos, veio de Piracuruca (PI) há 10 anos. Não agüentava mais a vida com a família e a falta de oportunidade. Resolveu aceitar o convite da tia Do



Carmo. Esta última, uma senhora de 50 anos, também veio da mesma cidade do Piauí, mas há 16 anos. Do Carmo nos conta que trabalha como doméstica desde os 12 anos. “Eu adoro, dou o maior valor ao meu trabalho”. Mas assume que sonha em ser a dona de um restaurante. Feliciano, ao chegar ao DF, morou um ano com sua tia. Só saiu de lá quando se casou, indo morar na chácara da família Jardim.

Marcela, irmã de Feliciano, tem 24 anos. Trabalha como doméstica desde os 9. Veio de Teresina, capital do Piauí, no dia 23 de janeiro de 2006. Passou três dias dentro de um ônibus para conseguir chegar a seu destino, a capital federal. “Meu ônibus quebrou duas vezes no caminho”. A chuva, a noite e o lugar deserto dificultaram avisar aos familiares que estava tudo bem. “Minha irmã já tava louca”. Feliciano, sem notícias de Marcela, esperou durante horas na Rodoferroviária de Brasília. Chegou a passar a noite esperando. Marcela não pensava que Brasília fosse como a viu pela primeira vez. “Eu achava que tinha muita violência, achava que era muito ruim, que não ficaria nem uma semana”. “Eu vim, na realidade, pra fugir dos problemas de lá”. Agora, ela está trabalhando na casa de uma patroa que adora. Também gosta do lugar, das pessoas, do seu colégio e novas amizades. “Não penso em voltar pra lá não”.

Alcina, ou Tina, tem 29 anos e se não fosse doméstica gostaria de ser veterinária.

Ruth, 24 anos, almeja a mesma profissão que a irmã, mas está trabalhando como empregada doméstica há um ano.

Maria Aparecida (Cida), 29 anos, está na profissão há 11, mas garante que gostaria de ser pediatra.

Ângela, 31 anos, trabalha como doméstica há 10, e não pensa em nada especial para o futuro. “Dona de casa mesmo”. Ângela, Cida, Ruth e Tina nasceram no Distrito Federal.

O mais importante para entender o núcleo familiar em que nossas entrevistadas estão inseridas é dizer que Feliciano é casado com o irmão de Tina e Ruth. Como também acontece com Cida e Ângela. Assim, estamos diante de mulheres que têm uma estreita relação familiar. Têm ainda em comum o fato de adorarem música. Tina, Cida e Feliciano gostam de pescar nas horas de folga. Com exceção de Marcela e Ruth, todas as outras têm marido, mas quando questionadas sobre o estado civil respondem: “solteira”. Só Ângela que foi direta. “Junta com o marido”.

As entrevistadas alegam que são empregadas domésticas por falta de oportunidade e, mais ainda, por não terem estudado. Marcela é exceção. Estuda e sonha em ser bibliotecária. “Gosto de ler”.



Tina, Cida, Ruth e Ângela nunca foram ao cinema. Tia Do Carmo já foi, mas quando era mais jovem. Feliciano afirma que o cinema mais próximo fica muito longe. Marcela gostou de ter assistido a *Lisbela e o Prisioneiro* no cinema. De qualquer forma, um bom filme na tevê agrada algumas delas.

Cine-fórum

O dia combinado foi um sábado, quando todas as entrevistadas estavam disponíveis para que se pudesse realizar o cine-fórum. Marcamos na casa de Feliciano. Saí de casa rumo à Rodoviária do Plano Piloto, onde encontrei Marcela. Nunca havia ido a São Sebastião (cidade satélite do Distrito Federal). Assim, Marcela seria a minha guia. Chegando à rodoviária, depois de um pequeno atraso, conheci Marcela: uma jovem tímida, de cabelos longos e saia idem. Quando falei a primeira vez com Marcela, ela me respondeu olhando para um ponto fixo no chão. Daí por diante, sempre foi assim. Quando lhe dirigia a palavra, Marcela nunca me olhava para responder.

Entramos no ônibus e passamos os mais de 40 minutos de viagem tentando manter um diálogo que esbarrava em monossílabos. Desisti e fomos tomados pelo silêncio. Descemos no ponto final em São Sebastião. Percorremos uma rua calçada em linha reta. Encontramos tia Do Carmo e seguimos por uma estrada de terra. Nas nossas costas, a cidade se distanciava. Depois de uma boa caminhada no sol quente do início da tarde e muita poeira levantada pela passagem de carros, chegamos a uma cerca de arame farpado que logo atravessamos. Um pouco mais à frente estava a chácara Jardim, com suas casinhas uma pertinho da outra.

Depois que todas chegaram, comecei a aplicar o questionário. Logo após, todas se acomodaram na sala de Feliciano. Umás no sofá, outras no chão, para assistirem ao filme. Fui à cozinha fazer pipoca, que logo servi com refrigerante. Juntei-me ao grupo e comecei a observá-las. Devido ao grau de relacionamento existente entre elas, sempre havia um comentário e as risadas eram generalizadas.

Ruth reconheceu X, o *rapper* que interpreta Auspício no filme. O cantor mora na cidade satélite de Ceilândia, no Distrito Federal. Cida imitou Rai na cena em que a personagem fala sobre a pobreza. “Se cada um fizesse sua parte!”. Do Carmo chamou a atenção das outras ali presentes para a canção *Vou rifar meu coração*. “Olha a música!”. Tina ficou impressionada com Cida, na cena em que ela liga a primeira vez para Uilton. “Já vai ligar?” Feliciano solidarizou-se com Rai na cena em que a doméstica recebe gracejos dos garis. “Eu tenho raiva desses homens que passam nesses carros”. Do



Carmo, a propósito de Quitéria, deu um conselho com a autoridade que sua experiência lhe proporciona. “A empregada que não parar num emprego não tem nada na vida”. E todas achavam que Kelly era menino.

Domésticas – o filme não foi assistido por nenhuma delas antes do evento. Das sete mulheres que assistiram ao filme, seis ficaram presentes na sala para conversar. Marcela, tímida ao extremo, se trancou num quarto e só saiu quando eu me despedi para ir embora.

Para iniciar nossa conversa, perguntei sobre o filme e cada uma delas deu sua opinião. Já nesse primeiro contato com o filme, notei que cada uma das entrevistadas se referia a uma personagem específica. Tina gostou do filme. Ela refere-se à Quitéria quando fala a respeito da película. “Achei estranho algumas coisas, não é assim com a gente. É... a burrice. Eu não sou tão burra daquele jeito não”. A ingenuidade de Quitéria foi apontada como burrice. Mas Tina se defende dizendo que com elas não é daquele jeito.

Do Carmo falou da personagem Créo com bastante carinho. “Aquele negócio da filha, aquilo ali é real”. O fato de ter um filho de 15 anos e saber bem o peso das preocupações com os filhos explica sua predileção por essa personagem. “Não gostei dela ter ido atrás de macumba, né? Essa coisa toda, né? Isso aí é uma grande bobagem, né?” Do Carmo também viu no filme um exemplo do que não deve ser seguido pela classe. “É uma coisa real pra mostrar pra gente empregada doméstica pra não fazer o que elas fizeram ali”. Ela fala do que Roxane faz na casa de sua patroa: fumar, colocar os pés em cima do sofá, encher a casa de amigas. Enfim, aprontar na ausência dos patrões.

Cida também refere-se a Roxane quando dá sua opinião: “Eu acho que tem algumas mentiras ali, né? Não é porque, por exemplo, ser empregada doméstica não quer dizer que trai, não quer dizer que vira... por exemplo, é melhor você ser doméstica do que você ir se prostituir. Eu pelo menos eu acho isso. Eu acho que ele retratou uma mentira”. Ângela fala de honestidade quando se refere à Cida, esposa de Leo no filme. “A pessoa vai trabalhar de doméstica tem de ser digna, tem que respeitar, tem de ser digna, a mulher tem que respeitar o marido. O marido tá em casa e ela vai trabalhar... tem que ser honesta, né?”

“Agora o que eu achei mais errado foi aqueles palavrões, que a menina falou com a patroa dela. Nossa, eu achei aquilo um absurdo”. Feliciano decididamente não

concordou com a postura que Roxane tomou quando não recebeu no dia de seu pagamento.

Tina gostou da Rai. “Aquele que casou no final”. Ruth gostou de Dona Zefa. “Acho que ela se empenhava mais”. É interessante notar que Dona Zefa é uma personagem secundária no filme. Cida gostou da Roxane, mas faz questão de dizer que não totalmente. “Ah, eu gosto muito de ligar o sonzinho ali e ficar trabalhando e dando uma dançadinha. Aí eu gostei mais dela, assim nesse aspecto, não de outra coisa”. Ângela concordou com a escolha de Cida. “Ela é animada”. Do Carmo gostou da Créo. E Feliciano gostou da Rai. Mas também se identificou com Roxane. “Bom, aquela que fica dançando e ouvindo música. Bom, eu não danço, mas eu fico ouvindo música. Vontade dá, mas eu não danço”.

Quando o assunto trilha sonora foi abordado, todas responderam que gostaram das músicas. O que impressionou é que todas começaram a falar ao mesmo tempo. Comentavam cenas, cantarolavam músicas, tentavam lembrar nomes de cantores. O grupo ficou uma bagunça por alguns minutos até retornarmos à dinâmica do cine-fórum.

No filme, a personagem Rai quase é atropelada por um portão eletrônico. A cena chama a atenção e é impossível não aparecer alguma história parecida. Foi o que aconteceu com Ruth em seu primeiro contato com um elevador. “Eu entrei e não sabia qual botão apertar pra descer. Aí tive que ligar no celular e perguntar. Fiquei lá um tempo, né? Aí liguei e perguntei qual o botão que eu tinha que apertar pra descer”. O mais curioso desse exemplo descrito por Ruth é que ela nunca havia entrado num elevador, mas já dominava as teclas de seu telefone móvel.

Roxane, personagem de Meirelles, não tinha paciência quando sua patroa não pagava no dia certo. Fumava dentro de casa, ameaçou dormir na cama da patroa e contou casos em que domésticas colocaram veneno na comida do patrão. Será que o patrão “esquecer” o dia do pagamento é um fato corriqueiro na vida das empregadas? Tina fala que já aconteceu com ela. “Aconteceu muito isso comigo, eu ficar esperando. Não eu fazer o que ela fez lá, que eu respeito muito a casa dos meus patrões, mas dele sumir no dia do pagamento e eu ficar xingando... xinguei muito”. Isso não é um problema para Do Carmo. “Minha patroa me paga até antes, graças a Deus”. E Cida é cautelosa com esse assunto. “Meu dia de receber é todo dia primeiro, só que ela me paga até o dia 8. Então, até o dia 8 eu espero, aí passou, eu já dou um toque”. Feliciano e Tina já procuraram o sindicato da classe para pedir informações sobre seus direitos.



Mas contam que não precisaram “fazer nada”. Entraram em acordo com os patrões e resolveram a pendência.

“Isso é a realidade, tá? O quarto da empregada sempre tá ali, aquela coisinha cheio de coisa lá dentro, né? Entulho, tudo que não presta tá ali dentro. Aí você vai ter de conviver ali. Ou você dorme ali ou você fazer o que tem pra fazer ali dentro”. Essa é a opinião de Cida quando o assunto é quarto da empregada. Na película vemos uma cena em que Créo faz todo um ritual para ir dormir. Por fim ela baixa uma cama desmontável (como uma tábua de passar roupas) e deita-se. Ângela dá sua opinião. “Humilhante. Muito humilhante. Eles se aproveitam muito das empregadas”. Tina dá um exemplo pessoal. “Eu... aconteceu comigo. Além de ser colocada na área de serviço, colocou a beliche encostada na janela. E eu tenho medo de altura. Aí eu deitada, ficava lá encolhidinha pra parede. No outro dia eu pedi conta”. Esse problema não afetou Feliciano. “Eu nunca tive problema nenhum. E eu já dormi, assim, em quartinho, mas era fora da casa, distante, e era um quartinho normal, bom, com cama, televisão. O banheirinho lá dentro. Fora da casa. Não era tão desconfortável não”. Hoje em dia, a maioria delas não tem problemas com o quarto da empregada, pois elas voltam do serviço para dormir em casa.

Para finalizar o encontro, averigüei o quanto foi fiel o filme com relação ao cotidiano de trabalho das empregadas domésticas. Cida foi categórica na sua observação. “Em partes ele mostrou sim a realidade, em partes, né? Mas tem coisa ali que é mentira. Realmente não acontece não”. Tina se posicionou de forma lacônica. “Hoje em dia não. Só se for em algum lugar que eu num... mas no meu trabalho, ali tem muita coisa que...” E Ruth desmascarou toda a magia do cinema. “Como todo filme, né? Não é tudo realidade”.

Considerações finais

Em *Domésticas – o filme*, roteiristas e diretores conseguiram construir uma representação audiovisual do universo das empregadas domésticas que, se por um lado reforça estereótipos sobre esta categoria profissional, por outro consegue dialogar com as entrevistadas do Distrito Federal. As participantes dos cine-fóruns conseguiram se emocionar, se divertir e, por vezes, se indignar com o filme. Um de seus méritos é trazer para o primeiro plano esse universo, colocando domésticas como protagonistas da narrativa, fato raro no cinema e no audiovisual brasileiros. As músicas utilizadas na



trilha sonora funcionam como parte da narrativa. As canções cafonas provocaram risos, momentos para lembrar tempos passados e em alguns casos, mas não sempre, faziam parte do gosto musical das entrevistadas.

Se alguma conclusão pode-se tirar deste trabalho é a de que a arte pode lançar luz sobre determinados aspectos da realidade social, abrindo brechas para o questionamento de vários de seus aspectos. *Domésticas – o filme* mostra uma empregada doméstica que está latente no imaginário social, mas que, dependendo do contexto, pode não ser a realidade das domésticas em várias partes do Brasil.

Nesta pesquisa foi feito um recorte das identidades das entrevistadas, mediado pelo filme, que não permite generalizações sobre as empregadas domésticas. Até porque entende-se as identidades como nômades, sempre em construção, e as representações audiovisuais como um processo plural. De forma que nada impede que as domésticas se identifiquem com vários modelos e, a partir daí, criem suas identidades.

Não é difícil elencar limitações nesta pesquisa. A falta de um melhor suporte técnico para registrar o trabalho nos grupos focais é uma delas. Gravar em vídeo os cine-fóruns teria agregado novas possibilidades de análise dos resultados. Sobretudo no que diz respeito ao não verbalizado, ao que fica nas entrelinhas e nos silêncios. O que foi externado por meio de linguagem gestual ou visual ficou por conta apenas da memória do pesquisador, que normalmente falha.

Outra limitação foi o número reduzido de participantes nos cine-fóruns. Diante da dificuldade em conciliar os horários de trabalho e demais atividades das potenciais entrevistadas, além de problemas de transporte e de acesso ao local de realização dos cine-fóruns, impediram a ampliação deste estudo de recepção. Se por um lado houveram limitações, por outro os pequenos grupos focais permitiram mais intimidade e aprofundamento durante as discussões sobre o filme.

Grande parte das entrevistadas para esta pesquisa veio de cidades pequenas e trouxe seus repertórios para o Distrito Federal. Aqui chegando, elas precisaram se adaptar a um novo ritmo de vida e de trabalho. Para algumas, isso não foi tão difícil, pois vieram quando crianças e o processo de adaptação foi mais fácil, mas, para aquelas que vieram já adultas, a situação é um pouco diferente.

Este processo de assimilação de novas culturas e de ritmos de vida diferentes, pode ser pensado a partir do conceito de *homens traduzidos* de Stuart Hall. Estes são frutos das *diásporas* contemporâneas e precisam negociar as culturas que carregam,



dependendo dos locais onde habitam. E, por conseguinte, também negociam as identidades que são formadas durante o percurso de suas vidas (HALL, 2003).

O fato de essas mulheres saírem de suas cidades em busca de melhores oportunidades, trata-se de um movimento de diáspora dentro da contemporaneidade, como afirma Stuart Hall. Cada uma dessas mulheres que precisaram deixar suas cidades de origem tinham uma identidade lá. E, quando chegaram ao Distrito Federal, precisaram modificar, assimilar outras regras de convivência, outros parâmetros. Assim, elas não são daqui e nem tampouco de lá. Agora cada uma delas possui uma identidade nômade, que se adapta às novas igualdades e diferenças que lhe são apresentadas.

É fácil observar, conversando com as empregadas domésticas, como a identidade delas é delineada pelo confronto com a identidade das patroas. Algumas características da patroa são absorvidas, manipuladas, reformuladas e começam a fazer parte da doméstica. Seja um costume rotineiro, adquirido com a convivência, seja a preferência por determinados modos de consumo e modos de falar.

As questões trabalhistas referentes ao trabalho doméstico são eternas brigas por direitos e conquistas. Há toda uma luta por reconhecimento que é construída em consequência de pequenas batalhas. A partir de 1941, a função aparece em termos jurídicos e “somente em 1988 a Constituição Federal reconhece as empregadas domésticas como categoria profissional. Sabe-se que para ter o direito de constituir um sindicato e defender os interesses da categoria é necessário que esta exista aos olhos da lei, isto é, que tenha visibilidade jurídica” (NUNES, 1993, p.138).

A maioria das empregadas domésticas entrevistadas, de alguma forma, tenta deixar os trabalhos domésticos e vislumbram outras atividades, mesmo acreditando que estão numa profissão digna como outra qualquer. Poucas se mostraram resignadas em suas condições trabalhistas, como também poucas amam o que fazem. Isso não quer dizer que elas não façam seus serviços da melhor maneira possível. Mas, se pudessem...

Referências bibliográficas

HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MEIRELLES, F. “Do Cine Olho à O2 passando pelo Olhar Eletrônico”. In: *Cinemais – revista de cinema e outras questões audiovisuais*. Rio de Janeiro: Aeroplano, n.35, p.120-149, jul/set 2003.



MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NUNES, C. G. F. “*Cidadania e Cultura: o universo das empregadas domésticas em Brasília (1970-1990)*”. Tese de doutorado - Programa de Doutorado em Sociologia. Universidade de Brasília. Brasília, 1993.

PRADO, P. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVA, O. da C. “*Domésticas – o filme: um estudo com profissionais do Distrito Federal*”. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB. Brasília, 2007.

ZELDIN, T. *Uma história íntima da humanidade*. Rio de Janeiro: Record, 1999.